

## VIKTOR EMIL FRANKL EM AUSCHWITZ

Emil Schepers, 22 de agosto de 2023

**Fonte:** <https://codoh.com/library/document/viktor-emil-frankl-auschwitz>

**Tradutor do texto:** Elvira Mattoso.

**Descrição:** O artigo examina criticamente a veracidade do relato do psicólogo Viktor Frankl (1905–1997) sobre sua estadia em Auschwitz, apresentado em seu livro “Em Busca de Sentido”. O autor aponta contradições internas, imprecisões factuais — como a descrição de chamas saindo de uma chaminé de crematório — e a mistura de experiências reais com linguagem literária e imaginação. Conclui-se que a obra carece de rigor científico, sendo enquadrada como parte de um fenômeno mais amplo de “Pilpul” e da “Indústria do Holocausto”, que prioriza o impacto emocional sobre a verdade factual. O artigo defende uma revisão crítica da história, livre de preconceitos.

---

Em 2001, o *Journal of Historical Review* publicou um [breve artigo](#) escrito por Theodore O’Keefe sobre o famoso psicólogo austríaco Viktor Frankl.<sup>1</sup> Com base nas declarações de Frankl e em pesquisas de historiadores ortodoxos, O’Keefe demonstrou que Frankl não foi particularmente verídico em suas lembranças sobre sua estadia no campo de Auschwitz. Em resposta a uma tradução alemã do artigo de O’Keefe, o engenheiro austríaco Walter Lüftl escreveu uma carta ao editor, na qual justificou as imprecisões de Frankl e enfatizou seu amor pela verdade em outros aspectos. O presente artigo examina sistematicamente o relato de Frankl sobre suas experiências em Auschwitz. Cabe ao leitor julgar até onde vai realmente o amor de Frankl pela verdade, quando se trata de suas experiências em Auschwitz e arredores.

---

<sup>1</sup> Theodore O’Keefe “Was Holocaust Survivor Viktor Frankl Gassed at Auschwitz?”. *Journal of Historical Review*, Vol. 20, No. 5+6, 2001, p. 10s.



Viktor Frankl, 1929

O conhecido psiquiatra e psicoterapeuta Viktor Emil Frankl, que faleceu em 1997, foi internado no campo de concentração de Auschwitz devido às suas origens judaicas. Ele escreveu um relato sobre esse período, publicado pela primeira vez em alemão em Munique, em 1977, e reimpresso pela última vez em 1998. O título original se traduz como *...trotzdem Ja zum Leben sagen: Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager* (“Dizer Sim à Vida Apesar de Tudo: Um Psicólogo Vivencia o Campo de Concentração”). No entanto, o título da tradução em inglês é completamente diferente: *Man’s Search for Meaning: An Introduction to Logotherapy* (“O Homem em Busca de um Sentido: Uma Introdução à Logoterapia”). Esse livro foi um best-seller, especialmente nos EUA, onde vendeu dois milhões de exemplares.

Viktor E. Frankl

## ...trotzdem Ja zum Leben sagen

Ein Psychologe erlebt  
das Konzentrationslager



*...trotzdem Ja zum Leben sagen: Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager* (Dtv, 1998)

A sinopse da edição alemã pela editora Kösel (aqui citada conforme a segunda edição alemã, Munique, 1978) elogia o livro como uma “peça didática documental” e uma “obra-prima de observação psicológica”. A seguir, o texto será examinado por um linguista e historiador quanto à coerência de sua apresentação. Deve ser possível, no espírito dos nossos direitos civis inalienáveis e dentro do quadro de um debate científico, abordar uma breve seção da história recente alemã sem preconceitos e tirar conclusões inequívocas.

Logo no início (p. 15), Frankl enfatiza que seu texto é mais um “relato de experiência” do que um “relatório factual”. Para além da evidente ambiguidade desses termos, devemos presumir que o psicólogo vivenciou o que relata, ou seja, que ele deseja transmitir fatos. Ele prossegue dizendo que suas descrições “se preocupam menos com os eventos nos famosos campos grandes do que com aqueles nos notórios campos secundários”. Essa afirmação deve ser encarada com cautela, pois é obviamente ilógica, já que, em seu livro, Frankl relata apenas sobre Auschwitz, que é reconhecido por toda a literatura como o maior campo de todos.<sup>2</sup> Assim, já na primeira página de seu relato, Frankl se enreda em contradições de difícil resolução.

Na página 17, Frankl relata a separação dos prisioneiros entre os aptos para o trabalho e os inaptos, mas o leitor não consegue obter uma imagem clara, porque o relato começa com a observação “Suponhamos que...”. O narrador continua: “porque se suspeita, e não sem razão, que eles vão para o gás”. Um cientista, no

---

<sup>2</sup> Cf. ibid. Frankl foi levado do gueto de Theresienstadt para Auschwitz e de lá, pouco tempo depois, foi transferido para o campo de Kaufering III, na Baviera. (N.E.)

entanto, não se contentaria com suposições, pois foi anunciado um relato de experiência. O que ele viu, Frankl não escreve. Na página 21, ele reafirma: “Aqui, no entanto, os fatos devem ser apresentados apenas na medida em que a experiência de uma pessoa é, em cada caso, a experiência de eventos reais”. A linguística chama tais formulações de tautologia. Frankl prossegue dizendo que, para os prisioneiros, “o que eles próprios realmente vivenciaram deve ser tentado ser explicado aqui com os métodos científicos disponíveis na época”. Mais uma vez, permanece pouco claro para o leitor o que deve ser explicado aqui por “métodos científicos”. O que os detentos vivenciaram não requer nenhuma explicação científica.



Viktor Frankl, 1940

No segundo capítulo, intitulado “A Primeira Fase: Admissão ao Campo”, o autor descreve o “apito estridente da locomotiva, ressoando como um grito de socorro das massas de pessoas personificadas pela máquina, conduzidas por ela a um grande desastre” (p. 25). Um procedimento torna-se evidente aqui, que Frankl mantém ao longo de seu relato. Ele interpreta um fato estabelecido e realmente ocorrido, o apito da locomotiva, de tal maneira que surge no leitor uma associação

de pensamento com o grito estridente de socorro de massas atormentadas. Obviamente, essa montagem arbitrária de coisas diferentes e não relacionadas tem a intenção de despertar medo e piedade no leitor. Isso não tem nada a ver com os “métodos científicos” anunciados pouco antes. No final da mesma página, o autor anuncia outro detalhe: alguns de seus companheiros prisioneiros têm pressentimentos e “visões de horror”. O próprio narrador “acreditou ver algumas forcas e pessoas penduradas nelas”. Será que ele apenas acreditou ter visto, ou realmente viu? O leitor pode se permitir fazer essa pergunta. Logo depois (início da p. 26), Frankl ouve ordens sendo gritadas em uma voz áspera que “soa como o último grito de um homem assassinado”. Aqui, vemos novamente o método analisado anteriormente de contrair e fundir coisas vivenciadas com aquelas apenas imaginadas. A exortação de dor e consternação, como se pode ver, alcançou uma multidão incontável de leitores.

Entre as experiências mais horríveis que Frankl teve que enfrentar logo no início de sua estadia em Auschwitz está a seguinte. Ele pergunta a um companheiro prisioneiro onde está seu amigo P., e descobre:

“Uma mão aponta para uma chaminé a algumas centenas de metros de distância, da qual uma chama de muitos metros de altura irrompe assustadoramente no vasto céu polonês, para se dissolver em uma nuvem sombria de fumaça.”

Todo pesquisador de história contemporânea está familiarizado há décadas com essa chama, relatada por inúmeros testemunhos, como um *topos*, como é chamado nos estudos literários. No entanto, pesquisas revisionistas recentes levantaram consideráveis dúvidas sobre esse ponto. Durante a cremação de um ou mesmo vários corpos em fornos de crematório alimentados a coque — como eram todos os crematórios alemães durante a guerra — não é possível produzir um jato de chamas saindo da chaminé. Primeiro, os corpos geralmente emaciados dos prisioneiros falecidos dos campos de concentração mal tinham gordura corporal que pudesse produzir chamas. Em seguida, o coque não produz nenhuma chama considerável. E, finalmente, os dutos de fumaça de todos os crematórios de Auschwitz tinham cerca de 30 metros de comprimento. Portanto, qualquer chama que pudesse ser produzida se extinguia muito antes de esses gases chegarem ao topo da chaminé.<sup>3</sup> O autor perguntou ao diretor de um crematório de uma grande cidade alemã sobre esse assunto e recebeu a resposta de que era impossível que, durante a incineração de um ou mais corpos, jatos de chamas ou mesmo chamas de

---

<sup>3</sup> Cf. Carlo Mattogno, “Flames and Smoke from the Chimneys of Crematoria”. *The Revisionist*, Vol. 2, No. 1, 2004, p. 73–78. Após ser questionado pelo engenheiro Walter Lüftl, Frankl admitiu que possivelmente foi vítima de um engano. Cf. carta de Lüftl ao editor em *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung*, Vol. 6, No. 3, 2002, p. 364.

“muitos metros de altura” pudessem se desenvolver. Nesse ponto, portanto, deve-se colocar um ponto de interrogação sobre o relato de Frankl.

Os prisioneiros recém-chegados tiveram seus cabelos raspados — como de costume — e, em seguida, tiveram que tomar banho. O trecho diz: “contentes e muito felizes, indivíduos descobrem que dos chuveiros realmente — pinga água (...)” (p. 33). Embora permaneça pouco claro por que apenas “indivíduos” notam que saía água dos chuveiros, e igualmente pouco claro por que ela apenas “pinga”, pelo menos essa experiência parece ter realmente ocorrido de alguma forma, pois na página 35, Frankl confirma-a da seguinte maneira: “Porque, repito: sai realmente água dos chuveiros!”

Dois trechos notáveis, como qualquer aficionado [pelo assunto] percebe, porque durante quatro décadas nos foi dito que esses chuveiros eram apenas disfarces para outra coisa. Deveríamos agora confiar menos em um cientista de suposto renome internacional como Viktor Emil Frankl do que em repórteres controversos como Ada Bimko, Imre Kertész, Jerzy Tabeau, Alfred Wetzler e muitos outros? Essa questão é ainda mais premente, já que Frankl anunciou que queria aplicar “métodos científicos”.



Viktor Frankl, 1994

Frankl relata repetidamente detalhes da vida no campo, mas mistura eventos verdadeiros com alegações improváveis. As camas nas quais os prisioneiros dormiam são descritas como de três andares (p. 36), o que concorda com os relatos de outros internos.<sup>4</sup> No entanto, Frankl também relata que teve que

---

<sup>4</sup> Cf. a fotografia em W. Stäglich, *Der Auschwitz-Mythos*, Grabert, Tübingen 1979, seção de imagens. (N.E.)

“colocar a cabeça no braço que estava quase torcido para cima”. Esse trecho permanece pouco claro para qualquer leitor sem preconceitos. Há vários relatos sobre “barracões de tifo” e aqueles que adoeceram com tifo, de “centros ambulatoriais” e de “tempos de descanso” para prisioneiros particularmente doentes.<sup>5</sup> Essas declarações merecem atenção especial, pois estão claramente em contradição gritante com outros eventos alegados para o suposto campo de extermínio de Auschwitz, mas, por outro lado, estão de acordo com testemunhos que mostram que muito foi feito no campo para o cuidado médico dos internos.<sup>6</sup>

Se as observações do professor de psicologia sobre o cuidado médico no campo de Auschwitz têm um peso digno de atenção simplesmente devido à sua frequência, outras observações se destacam repetidamente e devem ser encaradas com maior cautela. Um dia, por exemplo, enquanto segurava uma tigela quente de sopa:

“Eu olhei de soslaio pela janela: lá fora, o cadáver que acabara de ser retirado olhava pela janela com olhos esbugalhados. (...) essa experiência não teria permanecido em minha memória: tudo isso era tão desprovido de emoção” (p. 44).

Como podemos imaginar isso acontecendo? Frankl enganou sua memória aqui? O que ele quer dizer com “desprovido de emoção”? Imensamente característico de Frankl é o relato de uma viagem noturna por Viena (p. 58–60). Embora as cidades alemãs estivessem às escuras devido ao perigo de ataques aéreos, pouco depois da meia-noite, o autor vê o beco “numa das casas onde eu vim ao mundo”. Embora Frankl estivesse numa “pequena van de prisão”, que também tinha apenas “duas pequenas escotilhas gradeadas”, e ele apenas olhasse “na ponta dos pés”, ele afirma ter visto tudo claramente. Ele então prossegue:

“Todos nós nos sentíamos mais mortos do que vivos. Presumia-se que o transporte estava indo para Mauthausen. Portanto, não esperávamos viver mais do que uma média de uma a duas semanas. Eu vi as ruas, praças, casas da minha infância e lar — isso era um sentimento claro — como se eu já tivesse morrido e estivesse olhando para essa cidade fantasmagórica como um morto do além, um fantasma ele mesmo.”

Somente depois de alegar ter tido essa experiência, Frankl se torna específico. Ele pede a seus companheiros prisioneiros para “deixá-lo chegar à frente por um momento”, para que pudesse olhar para fora. Mas seu pedido é negado (p. 60, topo). Toda essa cena, um dos pontos altos do relato de sua experiência, é

---

<sup>5</sup> Páginas 42 e seguintes, 55, 81 (“setenta camaradas descansando”), 82, 85, 86 (“medicamentos recém-chegados ao acampamento”), 91 (“eles precisavam de alguns médicos”), 93, 95, 97, 122, 132.

<sup>6</sup> Sobre isso, veja Carlo Mattogno, *Healthcare in Auschwitz: Medical Care and Special Treatment of Registered Inmates*, Castle Hill Publishers, Uckfield, 2016.

questionável. Devido ao blecaute, que provavelmente também afetaria Viena, Frankl não teria conseguido ver muito de qualquer maneira. Até onde sabemos, uma pequena van para prisioneiros não é mencionada em nenhuma outra fonte. Também parece duvidoso se Frankl poderia ter visto o beco de sua infância, porque ele menciona apenas após a descrição que tentou fazer com que alguém o deixasse olhar pela “pequena escotilha gradeada”, mas isso foi negado.

Aparentemente, ele não esteve em Mauthausen, pois não escreve nada sobre isso. A expectativa de vida de algumas semanas (um *topos* que é encontrado em forma semelhante pelo menos uma dúzia de vezes no texto e foi repetidamente alegado por outros) foi então desmascarada como mera conjectura por sua vida real de mais quarenta anos.

A acumulação de idéias como “fantasma”, “morte” etc. nesse ponto revelador permite a suposição de que, com alguma auto-comiseração, ele tenta impressionar um público leitor ávido por sensações. Isso pode ser imputado. O autor deste artigo, que conheceu muitos psicólogos ao longo do tempo, nunca encontrou um que tivesse sido capaz de usar a sonda da psicologia em si mesmo.

Para a decepção do leitor em busca de sensações, um capítulo intitulado “Sexualidade” (p. 57s.) não contém nenhuma cena carnal com a qual outros relatos estão repletos. Essas erotizações diante das câmaras de gás já foram submetidas a análises críticas várias vezes e, em parte, relegadas ao reino do *kitsch*. Recentemente, o dissidente judeu Norman Finkelstein denunciou tais erotizações diante da morte em massa como “holopornô”, não sem cinismo.<sup>7</sup> Nada disso pode ser encontrado no relato de Viktor Emil Frankl. Permanecer fiel à sua esposa torna simpático seu relato. Ele a chama de “ser amado” apesar de toda a angústia. Gostaria de levantar dúvidas, no entanto, quando ele diz “que o instinto sexual geralmente está silencioso”. Ele não parece estar ciente do bordel que existia dentro do campo de Auschwitz. Frankl se enreda em uma contradição aqui ao afirmar que “mesmo nos sonhos dos prisioneiros, conteúdos sexuais quase nunca aparecem”. Mas três linhas adiante, ele escreve que “todo o anseio do prisioneiro por amor e outros impulsos [sic!] certamente aparecem nos sonhos”. Do ponto de vista da psicologia e da estatística, teria sido interessante saber quantos companheiros de sofrimento ele realmente entrevistou sobre essa questão. Ou deveria ser apenas uma auto-projeção velada aqui?

Não há fim para as improbabilidades. Frankl compartilha a mais notável na página 94. Ele conseguiu escapar do inferno. No entanto, ele retorna voluntariamente por

---

<sup>7</sup> Cf. Ruth Bettina Birn, Norman G. Finkelstein, *Eine Nation auf dem Prüfstand, Die Goldhagen-These und die historische Wahrheit*, Hildesheim 1998, p. 123 (edição inglesa: *A Nation on Trial: The Goldhagen Thesis and Historical Truth*, Metropolitan, New York, 1998).

razões pouco convincentes e se abastece “com algumas batatas podres como provisões” (p. 95). Não há necessidade de comentar isso. Após infundáveis sofrimentos pacientemente suportados, Viktor Emil Frankl relata que foi libertado do campo de Auschwitz no início de 1945. A libertação teria ocorrido após o campo de Auschwitz ser capturado pelos soviéticos em 27 de janeiro de 1945.<sup>8</sup> É uma pena que outros cientistas tenham estabelecido, com base em documentos preservados, que Frankl deixou Auschwitz para a Baviera já no final de outubro de 1944, onde permaneceu internado no campo de Kaufering III, o que o próprio Frankl confirmou em uma entrevista.<sup>9</sup>

Consequentemente, não é surpreendente que o relato de Frankl sobre sua libertação não possa ser verdadeiro:

“Lá, chega-se a um prado. Lá, veem-se flores desabrochando nele.” (p. 141)

Duas páginas depois, ele afirma:

“Então um dia, poucos dias após a libertação (...) você caminha por prados floridos (...) cotovias sobem (...) e então você cai de joelhos.” etc. etc.

Abstenho-me de comentar isso, mas gostaria de apontar que em Auschwitz, localizado a oeste de Cracóvia, pode ter havido neve naquela época. Ornitólogos podem decidir se as cotovias levantam vôo em janeiro.<sup>10</sup> Assim, seu próprio relato indica que ele não foi libertado em janeiro do campo de Auschwitz, como alegado, mas na primavera, na Baviera, pelos americanos.

Alguns dos relatos do professor de psiquiatria, que — lembramos — queria aplicar métodos científicos, coincidem com as descobertas da pesquisa histórica contemporânea. Destaco dois. Logo no início de suas observações (p. 26), Frankl relata que ouviu prisioneiros falando “em todos os tipos de línguas européias”. De fato, em Auschwitz, como em outros campos, estavam presas pessoas de pelo menos uma dúzia de nacionalidades, entre elas ciganos, mas também alemães, incluindo criminosos e indivíduos inocentes, homossexuais, maçons, católicos, combatentes da resistência, social-democratas, testemunhas de Jeová, comunistas, etc. Os livros de óbitos do campo de Auschwitz, publicados em 1995, contêm cerca de 65.000 nomes, dos quais aproximadamente 40% são judeus.<sup>11</sup> Essa

---

<sup>8</sup> Cf. Joachim Hoffmann, *Stalins Vernichtungskrieg*, München 1996, p. 303 (edição inglesa: *Stalin's War of Extermination 1941–1945*, Theses & Dissertations Press, Capshaw, AL, 2001).

<sup>9</sup> Cf. o artigo de T. O'Keefe, nota 1. A data indicada para a edição da revista americana *Possibilities* em que a entrevista de Frankl foi publicada está incorreta. Deveria ser março/abril de 1991 (e não o impossível 1944; isso foi corrigido na versão online).

<sup>10</sup> *Meyers Großes Konversationslexikon*, sexta edição, Vol. 12, Leipzig/Viena 1906, p. 434, notas sob “Cotovia”: “No inverno, habita o sul da Europa e o norte da África; algumas passam o inverno conosco”.

<sup>11</sup> Cf. Staatliches Museum Auschwitz-Birkenau (ed.), *Sterbebücher von Auschwitz, Fragmente*,

publicação confirma que os fatos históricos são tratados pelos ortodoxos de modo bastante unilateral e falso, uma vez que, de forma inadmissível e contrária a qualquer apresentação cientificamente exata, apenas os sofrimentos de uma nação são lembrados, mas não os de todas as outras nações.

Nas páginas 76/79, Frankl menciona um “alarme de ataque aéreo”. Ataques aéreos em Auschwitz são conhecidos há muito tempo,<sup>12</sup> mas são negados por pessoas influentes, entre elas o professor de Munique Wolffsohn.<sup>13</sup>

### O Pilpul

Vamos tirar a conclusão: as omissões de Viktor Emil Frankl não resistem a um exame com base na exegese de fontes, crítica textual e fatos históricos. O valor científico do tratado deve, portanto, ser estimado como baixo. O autor se expõe à suspeita de ser objeto de auto-sugestões em muitos casos, o que, por sua vez, deveria ser objeto de uma análise psicológica, embora ou porque o próprio autor fosse psicólogo. Deve-se presumir aqui que Viktor Emil Frankl, ao escrever seu relato, estava comprometido com a figura imaginária do Pilpul, que poderia ter atuado em seu subconsciente, como chamamos isso desde Sigmund Freud. Esse Pilpul é um constituinte do pensamento judaico e remete à sua origem oriental. Pelo que sei, o filósofo Hans Dietrich Sander foi o primeiro a se referir ao Pilpul no presente contexto.<sup>14</sup>

Um amplo espaço se abre aqui para historiadores da filosofia. O Pilpul corresponde aproximadamente ao que o sofismo (por exemplo, Protágoras) descreveu como “fazer do argumento mais fraco o mais forte”. Aristóteles descreveu algo semelhante em sua Retórica (Livro 3, Capítulo 7), na qual afirma que, se alguém “expressa o suave de forma áspera e o áspero de forma suave, a coisa perde sua credibilidade”. Essa é uma figura dialética que transforma a lógica em arbitrariedade, no nosso caso misturando experiências com imaginações indiscriminadamente e passando essa aparência de verdade pela verdade inteira. A forma mais extrema do Pilpul pode ser o trabalho de Daniel Goldhagen, que foi submetido a uma crítica severa por Norman Finkelstein (como antes) e que comunica nada menos que [a tese de que] os alemães tinham “genes assassinos”. Excessos do tipo mais absurdo, que nos fazem lembrar de *As Mil e Uma Noites*, com sua natureza fantástica hipertrofiada. Esse livro também foi um sucesso

---

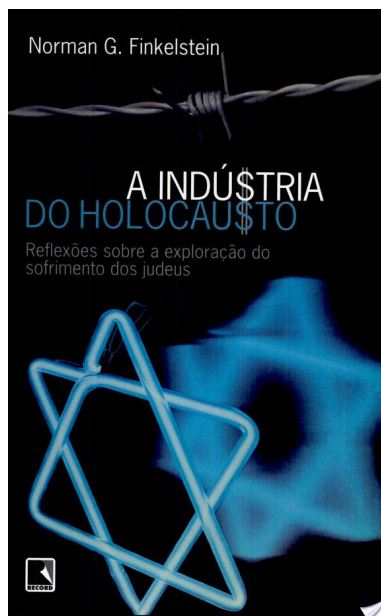
K.G. Saur, Munich 1995, p. 248.

<sup>12</sup> Cf. Udo Walendy, *Auschwitz im IG-Farben Prozeß*, Verlag für Volkstum und Zeitgeschichtsforschung, Vlotho/Weser 1981, apêndice fotográfico; J. C. Ball, *Air Photo Evidence*, Ball Resource Service Ltd., Delta, B.C., Canadá 1992; agora como Germar Rudolf (ed.), *Air-Photo Evidence*, 6ª ed., Castle Hill Publishers, Uckfield, 2020.

<sup>13</sup> Cf. Wolffsohn em: *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 24 de janeiro de 1995, p. 8.

<sup>14</sup> H. D. Sander, *Die Auflösung aller Dinge, Zur geschichtlichen Lage des Judentums in den Metamorphosen der Moderne*, Munich, undated, p. 68s., 79s.

comercial. O livro de Norman G. Finkelstein, *A Indústria do Holocausto*, já alude em seu título às possíveis intenções comerciais de tais produtos e, portanto, causou inquietação entre os envolvidos quando a edição em inglês apareceu em junho de 2000.



Norman G. Finkelstein, *A Indústria do Holocausto* (Record, 2001)

Entre as distorções grotescas do Pilpul estão as histórias de atrocidades sobre mãos de crianças cortadas por soldados alemães na Bélgica, abajures feitos de pele de judeus e sabão feito de gordura de judeus, coisas que hoje não são mais acreditadas,<sup>15</sup> mas que, até alguns anos atrás, faziam parte do conhecimento padrão.

Uma luz reveladora é lançada sobre essas questões pela autobiografia da ex-primeira-ministra de Israel, Golda Meirson, também conhecida como Meir,<sup>16</sup> que, até onde sei, também não foi avaliada por historiadores. A senhora Meir deu seu relato sobre as atrocidades alemãs mencionadas acima:

“O estranho e terrível era que nenhum de nós duvidava das informações que havíamos recebido.” (!) (p. 165)

No dia seguinte, ela teve uma conversa com “um simpático oficial britânico”. Após contar a ele sobre as atrocidades nazistas, ele disse:

“Mas, Sra. Meyerson, a senhora não acredita realmente nisso, né?”

---

<sup>15</sup> Cf. Germar Rudolf, *Lectures on the Holocaust*, 4ª ed., Castle Hill Publishers, Bargoed, País de Gales, Reino Unido, 2023, p. 90–99.

<sup>16</sup> Golda Meir, *Mein Leben*, Ullstein, Frankfurt/Main, 1983 (edição inglesa: *My Life*, Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1975).

Então, ele lhe contou sobre a “propaganda de atrocidades da Primeira Guerra Mundial e quão absolutamente absurda ela havia sido. Eu não conseguia explicar a ele por que razão eu sabia que isso era algo diferente.” (ênfase adicionada.)

Ao que o simpático britânico de “gentis olhos azuis” respondeu:

“A senhora não deve acreditar em tudo o que ouve.”

A Sra. Meir, no entanto, acreditou.

### **O relato de Frankl e a pesquisa de história contemporânea**

A pesquisa sobre o Terceiro Reich realizada hoje na Alemanha e no mundo é representada por dois grupos: a ortodoxia, cujos membros lecionam em universidades e aparecem em público, e os céticos, os chamados “revisãoistas”, que, como o nome sugere, submetem certos eventos a uma “revisão”, mas desafiam a visão pré-ordenada da história e, por isso, são reprimidos em muitos países ocidentais por leis penais, e cujas publicações são proibidas em muitos países. Na Alemanha, por exemplo, centenas de títulos de livros e inúmeras edições de revistas são proibidos. Essa abordagem do Estado corresponde ao que o sociólogo Ernst Topitsch caracterizou em sua teoria da ciência como uma “estratégia de imunização”, significando que uma escola de pensamento deve ser protegida pela força contra críticas, para que não seja ameaçada por escolas de pensamento concorrentes.<sup>17</sup> Padrões de pensamento semelhantes foram analisados pelo filósofo Eric Voegelin em sua crítica aguda da visão de mundo marxista, que ele expôs como uma “proibição de fazer perguntas”.<sup>18</sup>

Apesar das proibições massivas de fazer perguntas sobre os eventos do Terceiro Reich, especialmente nos campos, tem-se tido a experiência surpreendente nos últimos anos de que as duas linhas de pesquisa agora parecem estar convergindo. Entre os historiadores alemães ortodoxos com cargos permanentes, Hans Mommsen e Ernst Nolte falaram corajosamente. O primeiro, quando negou a existência de uma ordem de extermínio<sup>19</sup> — o que, no entanto, não era novidade para os especialistas — e Nolte, quando anunciou:<sup>20</sup>

“Não posso excluir a possibilidade de que a maioria das vítimas não tenha morrido em câmaras de gás, senão que o número daqueles que pereceram por epidemias ou por maus-tratos e fuzilamentos em massa seja comparativamente maior.”

---

<sup>17</sup> Ernst Topitsch, *Gottwerdung und Revolution, Beiträge zur Weltanschauungsanalyse und Ideologiekritik*, Pullach near Munich, 1973, p. 35, 57, 130.

<sup>18</sup> Eric Voegelin, *Wissenschaft, Politik und Gnosis*, Munich 1959, p. 33 e passim.

<sup>19</sup> In: *Die Woche*, 15 de novembro de 1996, juntamente com a pesquisadora vienense de Hitler, Brigitte Hamacher.

<sup>20</sup> *Der Spiegel*, nº 40, 1994, p. 85.

Nolte não usa aqui o termo “fuzilamentos de partisans”, que historiadores militares teriam usado. Apesar de tudo, ambos os senhores violaram as proibições de pensamento impostas pelo Estado. Apenas seus títulos de professores os protegeram de buscas domiciliares, multas, prisão ou pior. Ernst Nolte, no entanto, foi proibido de escrever no jornal diário mais prestigiado da Alemanha, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, e foi agredido por terroristas de esquerda em uma igreja de Berlim logo após dar uma entrevista extensa à revista de notícias alemã *Der Spiegel*. A mídia não ficou indignada com isso. Foi Ernst Nolte quem, em um de seus últimos livros, tratou pelo menos em certa medida dos resultados de pesquisa dos chamados revisionistas em um capítulo próprio,<sup>21</sup> algo que seus colegas universitários com cargos permanentes evitam cuidadosamente, porque todos estão subscritos à estratégia de imunização.

Uma brecha no muro do silêncio foi feita pela judia berlinense Sonja Margolina, quando pelo menos admitiu os assassinatos em massa de ucranianos — muitas vezes realizados por judeus russos — pelos quais ela afirma ter “tremido”. Infelizmente, ela não menciona nenhum número, e o nome de uma abominação como Lazar Moiseyevich Kaganovich aparece apenas timidamente de passagem, e com um nome incompleto.<sup>22</sup> Ela até acusa seus companheiros religiosos de “supressão” de sua própria culpa, e assim se aproxima das observações de Finkelstein. Ambos os autores são imunes à perseguição pelo poder judiciário alemão, devido à sua origem judaica.

As obras de Josef Ginsburg, também conhecido como Josef G. Burg, e Roger G. Domergue Polacco de Menasce já foram confiscadas na década de 1960, e ainda hoje estão proibidas e atualmente não estão disponíveis.<sup>23</sup> Burg foi espancado no Cemitério Norte de Munique pouco antes de sua morte. O autor não sabe nada sobre Polacco de Menasce, que acusou seu povo de fazer negócios sem escrúpulos com pornografia.

Não é possível aqui traçar um esboço de toda a literatura histórica contemporânea, ortodoxa e heterodoxa, sobre esse assunto controverso. A única intenção foi fornecer mais blocos de construção para o mosaico diversificado e intrincado da pesquisa sobre a ditadura nacional-socialista. Ciência significa, entre outras coisas, separar o falso do correto e descrever o correto da forma mais precisa possível. Os alemães, que por décadas têm sido reprovados por seus erros e os de seus antecessores, dos quais a nação literalmente ameaça perecer mentalmente e, assim, fisicamente, têm o direito de abordar sua própria história sem preconceitos.

---

<sup>21</sup> Ernst Nolte, *Streitpunkte, Heutige und künftige Kontroversen um den Nationalsozialismus*, Propyläen, Berlim, 1993, p. 304s.

<sup>22</sup> Sonja Margolina, *Das Ende der Lügen, Rußland und die Juden im 20. Jahrhundert*, Siedler, Berlim, 1992, p. 84, 151.

<sup>23</sup> Muitos dos escritos de Josef G. Burg podem ser encontrados online em vho.org. (N.E.)